

CATEQUESES - INTRODUÇÃO

O dogma e a espiritualidade

No mundo contemporâneo, deparamo-nos com a realidade da bastante difundida opinião de que os dogmas representam algo secundário e não obrigatório na religião, cedendo o primeiro lugar aos mandamentos éticos, donde advém a indiferença religiosa e o pouco interesse pela teologia. Todavia, atualmente, a Igreja tem consciência de que os dogmas e os mandamentos estão indissolivelmente ligados, quer dizer, um não pode existir sem o outro. “A fé sem obras é morta”, disse-nos o Apóstolo Tiago (Tg 2:26) e, segundo o Apóstolo Paulo, “o homem é justificado pela fé, sem as obras da lei” (Rm 3:28). Entre estas duas frases não existe contradição: as obras são indispensáveis, mas não salvam por si próprias, sem a fé, pois é Cristo que salva os homens e não as obras de caridade. “Conhecereis a Verdade e a Verdade vos tornará livres”, disse Cristo (Jo 8:32), dizendo ainda que Ele próprio é o Caminho, a Verdade e a Vida (Jo 14:6). Cada dogma revela a Verdade, mostra o caminho e faz comungar a vida.

A teologia não deve estar em contradição com a experiência espiritual, mas, ao contrário, decorrer dela própria; é precisamente desta forma que procede a teologia dos Santos Padres há mais de vinte séculos, desde o Apóstolo Paulo e Santo Inácio de Antioquia até São Teófilo, o Recluso, e São Silvano do Monte Atos.

Fundada sobre a experiência espiritual, estrangeira ao racionalismo e à escolástica, a teologia ortodoxa permanece, nos nossos dias, tão viva e ativa como nos séculos precedentes. As mesmas questões de outrora são colocadas hoje ao homem: O que é a Verdade? Onde está o sentido da vida? Como encontrar a felicidade? Como adquirir a beatitude?

O Cristianismo não visa colocar os pontos nos “is”, fazendo o inventário até ao esgotamento de todas as interrogações da alma humana. No entanto, revela uma outra realidade, que ultrapassa de tal maneira tudo o que nos rodeia nesta vida terrena, que, ao pôr-se na sua presença, faz o homem esquecer os seus questionamentos e as suas perplexidades, eis que a sua alma se vê em contacto com o divino, calando-se em face da presença do mistério que nenhuma palavra humana é capaz de exprimir.

A busca da fé

A fé é um caminho no qual Deus e o homem vão um ao encontro do outro. Deus dá o primeiro passo; a Sua fé incondicional no homem não se desmente nunca. Ele dá ao homem um sinal, um pressentimento da Sua presença. O homem compreende o apelo de Deus, misterioso na aparência, e o passo que dá em direção a Ele é a resposta a esse apelo. Deus lança ao homem um apelo claro ou secreto, sensível ou quase impercetível. Todavia, será difícil ao homem crer em Deus se não tiver sentido antes esse apelo.

A fé é um segredo, um mistério. Porque um homem responde a esse apelo e outro não? Porque, depois de ter ouvido a palavra de Deus, um vê-se pronto a recebê-la enquanto o outro permanece surdo? Porque, depois de ter encontrado Deus no seu caminho, um logo deixa tudo e o outro desvia-se e parte noutra direção? “Caminhando ao longo do mar da Galileia, Jesus viu dois irmãos: Simão, chamado Pedro, e seu irmão André, que lançavam as redes ao mar, pois eram pescadores. Disse-lhes: Vinde comigo e Eu farei de vós pescadores de homens. E eles deixaram as redes imediatamente e seguiram-no. Um pouco mais adiante, viu outros dois irmãos: Tiago, filho de Zebedeu, e seu irmão João, os quais, com seu pai, Zebedeu, consertavam as redes dentro do barco. Chamou-os, e eles, deixando no mesmo instante o barco e o pai, seguiram-no” (Mt 4:18-22). Como explicar o mistério dessa prontidão por parte dos pescadores galileus, prontos a tudo deixar para seguir o Cristo, que viam pela primeira vez nas suas vidas? E porque o jovem homem rico, a quem Cristo dirigiu-se e disse “vem e segue-Me”, não respondeu ao chamado, mas “foi-se embora todo triste” (Mt 19:21-22)? Será que a razão não seria a de estes serem pobres e aquele possuir “grandes bens”, ou seja, estes nada possuíam, além de Deus, mas aquele tinha “tesouros sobre a terra”?

Cada ser humano possui os seus tesouros sobre a terra, quer seja dinheiro, objetos, um bom trabalho ou uma felicidade de viver. Ora, o Senhor disse: “Bem-aventurados os pobres em espírito, porque deles é o Reino do Céu” (Mt 5:3). As antigas versões do Evangelho de Lucas dão-nos um versículo mais simples e mais direto: “Felizes vós os pobres, porque vosso é o Reino de Deus” (Lc 6:20). Felizes aqueles que têm o sentimento de nada possuir nesta vida, que estão no topo de uma fortuna e pressentem que aquisição terrena alguma pode substituir Deus para o homem. Bem-aventurados aqueles que vão vender tudo o que possuem para adquirirem a pérola de grande valor – a fé (Mt 13:45-46). Bem-aventurados aqueles que sabem que, sem Deus, são pobres, sedentos e famintos de toda a sua alma, espírito e vontade.

O apelo

Uma palavra sobre a fé nunca é fácil de ser recebida. Nesta época em que vivemos, as pessoas encontram-se tão ocupadas com os problemas da existência que muitos são aqueles que não têm simplesmente tempo de ouvir essa palavra e de pensarem em Deus. Por vezes, o sentimento religioso limita-se a festejar o Natal e a Páscoa, a observar ainda alguns ritos, simplesmente para “não cortar as raízes” das tradições nacionais. Mas, para muitos, o grande afazer é a vida ativa, o trabalho. “Ele encontra-se completamente imerso no trabalho”, “o trabalho é tudo para ele”, “é um homem de ação”: eis a melhor definição que um homem pode receber dos seus amigos e colegas. Os “homens de ação” formam esta geração particular de pessoas do século XX, para as quais não existe nada além de trabalhar numa grande empresa ou num negócio onde exerçam a sua atividade, que lhes monopoliza totalmente ao ponto de não se permitirem uma mínima pausa, indispensável para escutar a voz de Deus.

Apesar de tudo isso e por mais paradoxal que pareça, no meio do ruído, no turbilhão das atividades, dos acontecimentos e das impressões, as pessoas ouvem, no seu interior, o apelo misterioso do Divino. Pode acontecer que tal apelo não seja reconhecido como vindo da Divindade, ou da ideia que Dela fazemos, sendo geralmente percebido de modo subjetivo como uma insatisfação, uma inquietude interior, uma busca. São necessários muitos anos para que o homem tome consciência do pouco valor e da derrota da sua vida interior, pelo facto de Deus estar ausente. Sem Ele não há e nem nunca haverá plenitude do ser. “Criaste-nos para Ti, escreveu Santo Agostinho, e o nosso coração não alcançará repouso antes de poder repousar em Ti”.

A diversidade dos caminhos

Os homens chegam a Deus por vias diferentes. Por vezes, o encontro com Deus é repentino e imprevisto, por vezes, ainda, é preparado por um longo caminho através de tentativas, dúvidas e desilusões. Em certos casos, Deus “agarra” o homem, pegando-o desprevenido; em outros, o homem encontra Deus ao dirigir-se a Ele. Essa conversão pode acontecer em qualquer idade: na infância ou na adolescência, na maturidade ou na velhice. Não existem dois seres que se tenham dirigido a Deus pelo mesmo caminho. Não existe um caminho que alguém possa emprestar ao outro. Aqui, cada um é o primeiro a traçar a rota, cada um deve percorrer de um lado ao outro e encontrar o seu Deus pessoal, a quem podemos dizer: “Deus, Tu és o meu Deus!” (Sl 63:20). Deus é o mesmo para todos os homens, mas Ele deve ser descoberto por mim e existir/ser para mim.

Um dos exemplos de conversão repentina é o do Apóstolo Paulo. Antes de se tornar apóstolo, ele era um judeu de estrita obediência, que atacava o

Cristianismo como uma seita nociva e perigosa. Com a intenção de fazer mal à Igreja, enquanto dirigia-se à cidade, Saulo ainda respirava ameaças de morte contra os discípulos do Senhor. Dirigindo-se ao sumo-sacerdote, pediu-lhe cartas para as sinagogas de Damasco, de modo que, caso encontrasse ali homens ou mulheres que pertencessem ao Caminho, pudesse levá-los presos para Jerusalém. Na sua viagem, quando se aproximava de Damasco, de repente brilhou ao seu redor uma luz vinda do céu. Ele caiu por terra e ouviu uma voz que lhe dizia: "Saulo, Saulo, porque Me persegues?" Saulo perguntou: "Quem és Tu, Senhor?"

Ele respondeu: "Eu sou Jesus, a quem tu persegues" (At 9:5). Cego pela luz Divina, Saulo perdeu a visão; durante três dias ele não viu nada e tornou-se um apóstolo de Cristo, destinado a trabalhar "mais do que todos" na pregação do Evangelho (cf. I Co 15:1). Imediatamente após o seu Batismo, pôs-se a pregar este mesmo Cristo que se havia revelado pessoalmente a ele, tornando-se doravante o seu Deus.

Com certeza, a conversão a Deus está bem longe de se produzir sempre de improviso e por surpresa; geralmente a descoberta vem após uma longa busca. Alguns começam por buscar nos livros uma "verdade" abstrata, separada da vida, antes de encontrar a revelação do Deus Pessoal. Por vezes, chegamos ao Cristianismo por caminhos deturpados, por religiões e cultos do Oriente, o budismo e a ioga. Outros veem Deus depois de terem vivido um drama, a perda de uma pessoa próxima, um mal, uma doença, a ruína das suas esperanças. A conversão a Deus pode ocorrer através do encontro com um fiel autêntico, padre ou leigo fervoroso. Mas, o caminho mais seguro parece ser aquele de uma criança que nasce numa família crente e cresce na fé.

Todavia, a fé - ainda que, por vezes, transmitida pelos ancestrais - deve ser compreendida pela inteligência ou passar pelos sofrimentos da pessoa; deve tornar-se parte integrante da sua própria existência. Conhecemos o caso de ateus provenientes de famílias crentes ou mesmo de padres ... Não se nasce crente/fiel. A fé é um dom obtido graças aos esforços, aos atos de coragem daqueles que a buscam.

A Filosofia busca o criador do Universo

Em todo o tempo sobre a terra, o homem almejou descobrir, no seu ser, a verdade, ou seja, compreender o sentido da vida. Na Grécia antiga, os filósofos lançaram-se na exploração das leis do universo e das leis do pensamento humano, com a esperança de atingir assim o conhecimento das causas primárias que regem todas as coisas. Os filósofos analisaram não somente as leis da razão e da lógica, como estudaram igualmente a astronomia e a física, a matemática e a geometria, a música e a poesia. Essa

diversidade de conhecimentos coexistiu com uma vida religiosa e ascética, sem a qual não se consegue atingir a purificação do espírito, da alma e do corpo (*kátharsis*).

Ao estudar o mundo visível, os filósofos chegaram à conclusão de que, no universo, nada é por acaso; cada parcela tem o seu lugar e cumpre a sua função, submetendo-se a leis estritas: os planetas jamais se desviam da sua órbita e os satélites não abandonam os planetas. A harmonia e a finalidade reinam em toda a parte do mundo, ao ponto de os anciãos darem-lhe o nome de cosmos, que quer dizer beleza, ordem, harmonia, e que é o oposto de caos, desordem ou desarmonia. O cosmos fazia a figura de um enorme mecanismo cujo movimento segue o ritmo imutável, cujo polo nunca enfraquece. Ora, um mecanismo deve ser criado por alguém, um relógio deve ser fabricado. Os filósofos, por via da dialética, chegaram então à ideia de um construtor único do universo. Platão denominava-o Criador, Pai, Deus ou Demiurgo, este último com o significado de um mestre de obra, um chefe de trabalhos.

Os filósofos mencionaram igualmente um *Logos* (que, em grego, significa palavra, razão, pensamento, lei), concebido primitivamente como uma lei eterna e universal, sobre a qual todo o mundo está estruturado. Todavia, o *Logos* não é somente um conceito, uma ideia abstrata, mas igualmente uma força criativa divina, intermediária entre Deus e o mundo criado. Tal era o ensinamento de Filon de Alexandria e dos neoplatónicos.

Através de Plotino, representante da escola neo-platónica, a filosofia transformou-se numa quase religião. Esse filósofo insistia no carácter transcendente, infinito, absoluto e incognoscível da divindade, chegando mesmo a dizer que algumas definições e propriedades não lhe podem ser atribuídas. Enquanto plenitude do ser, o Uno (era assim que Plotino denominava Deus) originaria todas as outras formas de ser, cuja primeira seria a Inteligência e a segunda a Alma do mundo. Para além da esfera da Alma do mundo estender-se-ia o mundo material, ou seja, o universo no qual a Alma originaria a vida. Da sorte, o mundo apareceria como o reflexo da realidade divina, trazendo consigo traços da beleza e da perfeição. O Uno, a Inteligência e a Alma formariam conjuntamente a Tríade Divina (Trindade). Por meio da purificação (*kátharsis*), o homem poder-se-ia elevar até a contemplação de Deus. Contudo, não importa o que se faça, Deus permanece inconcebível e inacessível; Ele permanece um mistério.

Por meio da dialética, a filosofia antiga transmitiu as verdades que acabaram por ser reveladas definitivamente pelo Cristianismo: o Deus único - Criador do mundo -, o Filho (*Logos* divino), a Trindade Santa. Não é à toa que os primeiros autores cristãos denominavam a filosofia de "o Cristianismo antes de Cristo".

A religião da revelação divina

A maioria dos povos no mundo pré-cristão estava mergulhada nas trevas do politeísmo. Todavia, houve um povo eleito por Deus, a quem Ele confiou o mistério do conhecimento acerca de Si próprio, da criação do mundo e do sentido da vida. Os antigos judeus não conheciam Deus a partir dos livros ou dos raciocínios dos sábios, mas sim através da sua própria experiência multissecular. Eles deixaram em legado um grande livro, a Bíblia, que não foi fruto da imaginação dos homens, mas antes foi dado do Alto, por meio de uma revelação direta de Deus. Noé, Abraão, Isaac, Jacob, Moisés, Elias, bem como uma multidão de justos e de profetas, não se contentaram em meditar acerca de Deus; eles oravam, viam-No com os seus próprios olhos, falavam com Ele face a face.

Todas as revelações de Deus no Antigo Testamento têm um caráter pessoal: Deus revela-Se ao homem, não como uma força abstrata, mas como um Ser que fala, escuta, vê, pensa, mostra-Se disponível em ajudar.

Deus assumiu uma parte ativa e animada na vida do povo de Israel. Quando Moisés conduziu o povo do Egito à terra prometida, foi precedido pelo próprio Deus na coluna de fogo. Deus habitou no meio do povo, dialogou com as pessoas, residiu na casa que Lhe construíram.

O que há de mais maravilhoso na religião revelada é que Deus permanece sob a cobertura do mistério, no desconhecimento, e, ao mesmo tempo, tão próximo das pessoas que podem chamá-Lo de “nosso Deus” e “meu Deus”. É aqui que um abismo separa a revelação de Deus dos cumes atingidos pelo pensamento humano: o deus dos filósofos permanece abstrato e inerte, enquanto o Deus da revelação é vivo, próximo e pessoal. Tanto um como o outro caminho levam-nos a compreender que Deus é inconcebível e que Ele é um mistério; a filosofia deixa o homem no sopé da montanha sem lhe dar a possibilidade de elevar-se mais alto, enquanto a religião o conduz até o cimo, onde Deus vive nas trevas, introduzindo-o ao interior da nuvem, quer dizer, acima de todas as palavras e deduções da razão, apresentando-nos ao mistério de Deus.

Etimologia da palavra “Deus”

Em muitas línguas, a palavra Deus está relacionada com diversos termos ou conceitos cuja análise nos permite ter uma ideia sobre a Sua natureza. Em épocas remotas, as pessoas esforçaram-se em encontrar, nas suas próprias línguas, palavras que as ajudassem a exprimir, de uma maneira própria, a noção que tinham de Deus ou, melhor ainda, a experiência da relação que mantinham com Deus.

Nas línguas de origem germânica, a palavra Deus (*God* em inglês, *Gott* em alemão) vem de um verbo que significa “cair de face contra a terra”, prostrar-se. O apóstolo Paulo, deslumbrado com Deus no caminho para Damasco, subitamente envolvido por uma intensa luz, “caiu por terra” a tremer e tomado de espanto (At 9:4-6).

Tanto na língua russa como nas demais línguas de origem eslava ligadas ao grupo indo-europeu, a palavra Deus, segundo os linguistas, está relacionada com o sânscrito *bhaga*, que significa “aquele que enche de presentes, que dispensa dons”, que, por sua vez, vem de *bhagas*, que significa “fortuna, bem-estar”. A palavra “riqueza” (*bogastvo*, em russo) está igualmente relacionada com a palavra Deus (*Bog*). É a representação absoluta de beatitude, a qual, por vezes, não permanece no interior da Divindade, mas se dispersa sobre o mundo, sobre as pessoas, sobre todo o ser vivo. Deus cumula-nos de dons, dispensando-nos os Seus bens pela graça da Sua plenitude, quando comungamos d’Ele.

Segundo Platão, a palavra grega *theos* vem de um verbo que significa correr. Mas ao lado dessa etimologia, São Gregório, o Teólogo, introduziu uma outra: a palavra *theos* vem do verbo *aithein*, que significa alumiar, queimar, inflamar. São João Damasceno acrescentou ainda uma terceira etimologia, vinda de *theomai*, que significa contemplar: pois de Deus não podemos ocultar nada, o Seu olhar estende-Se a tudo, Ele a tudo contempla.

Yahweh, o nome através do qual Deus manifestou-Se aos antigos judeus significa “Aquele que é”, que tem a existência, que tem o ser. Este nome vem do verbo *hayah*, que significa ser, existir, ou ainda da primeira pessoa deste verbo, *eihieh*, ou seja, “Eu sou”. No entanto, este verbo tem um sentido dinâmico, pois não designa simplesmente o facto de existir em si, mas um modo de ser sempre atual, uma presença viva e ativa. Quando Deus disse a Moisés: “Eu sou Aquele que é” (Êx 3:4), isso significa: Eu vivo, estou aqui, estou junto de ti. Doravante, esse nome viria reforçar a preeminência do ser de Deus sobre o ser de tudo o que existe: trata-se do Ser primário, que se contenta consigo próprio, o Ser eterno, a plenitude do Ser que está para além do ser.

Segundo uma antiga tradição, os judeus da era pós-exílio não pronunciavam o nome de Javé, “Aquele que é”, pois este lhes provocava um tremor sagrado. Somente o sumo-sacerdote, uma vez por ano, ao entrar no Santo dos Santos para incensar, estava habilitado a pronunciar esse nome. Se, no templo, um homem comum, ou até mesmo um sacerdote, quisesse dizer algo referente a Deus, servia-se de nomes que o substituíssem ou dizia, ainda, “o céu”. Na Escritura, os judeus designavam Deus por um tetragrama sagrado: YHWH. Os antigos judeus sabiam perfeitamente que não existia na

língua humana qualquer nome, palavra ou termo capaz de exprimir o ser de Deus.

Ao abster-se de pronunciar o Nome de Deus, os judeus queriam demonstrar que podemos unir-nos a Ele, antes pelo silêncio penetrado de respeito e de tremor sagrado do que por meio de uma palavra.

Os nomes divinos

Nas Sagradas Escrituras, os nomes de Deus são abundantes; cada um deles põe em evidência uma ou outra das Suas propriedades, mas revela-se impotente para compreendê-Lo na Sua essência. “*Os nomes divinos*”, célebre tratado do século V, atribuído a Dionísio, o Areopagita, expôs, pela primeira vez e de uma forma sistemática, este tema sob um ponto de vista cristão, ainda que desenvolvido anteriormente por outros autores, em particular por São Gregório, o Teólogo.

Alguns nomes atribuídos a Deus (Seu poder, Sua senhoria, Sua dignidade real) põem em evidência a Sua preeminência sobre o mundo visível. O nome Senhor (*Kyrios*, em grego) designa a dominação suprema de Deus, não somente sobre o povo eleito, mas também sobre todo o universo. O nome Todo-Poderoso (*Pantokrator*, em grego) significa que Deus mantém todas as coisas nas Suas mãos, que Ele sustenta o universo e a ordem que nele reina (Is 48:13), ou seja, que Deus tudo sustenta com a Sua palavra poderosa (Hb 1:3).

Os nomes “Santo, Santidade, Santificação, Bom, Bondade”, evidenciam o facto de Deus possuir, em Si mesmo, toda a plenitude do bem e da santidade e que Ele dispensa este bem sobre todas as Suas criaturas, santificando-as.

Deus é igualmente chamado de Sabedoria, Verdade, Luz, Vida, Salvação, Redenção, Libertação, Ressurreição, pois somente n’Ele (em Cristo) é que se realiza, para o homem, a libertação do pecado e da morte eterna, bem como a ressurreição para uma nova vida.

Na Bíblia, encontramos nomes dados a Deus com base no mundo natural e que O representam, não a partir dos sinais que O distinguem, não a tentar precisar as Suas qualidades próprias, mas sim fazendo o uso de símbolos e analogias que Lhe permitem dar um sentido. Deus é então comparado ao sol, a uma estrela, ao fogo, ao vento, à água, ao orvalho, à nuvem, a uma pedra, a uma rocha, a um perfume. Ao referirmo-nos a Cristo, dizemos que Ele é o Pastor, a Ovelha, o Cordeiro, o Caminho, a Porta, a imagem de Deus. Simples e concretos, todos estes nomes são utilizados na nossa realidade quotidiana. No entanto, a sua finalidade é a de apresentar, tal como nas parábolas de Cristo e acima das imagens da pedra preciosa, da árvore, do fermento na

massa ou das sementes no campo, uma realidade infinitamente maior e dotada de um profundo significado.

Em muitos textos da Sagrada Escritura, faz-se menção a um Deus enquanto Ser que possui uma forma humana, quer dizer, dotado de um rosto, de olhos, orelhas, mãos, costas, asas, pés, de uma respiração; diz-se que Deus volta, afasta-Se, recorda-Se, esquece-Se, irrita-Se ou apazigua-Se, maravilha-Se, aflige-Se, ira-Se, vai, escuta. Tal antropomorfismo repousa sobre a experiência de um encontro pessoal com Deus enquanto Ser vivo. Na busca de dar uma forma a tal experiência, o homem recorre a palavras e imagens do mundo terrestre.

“Pai” como nome divino

Pai é o tradicional nome bíblico dado a Deus e os Seus filhos são o povo de Israel: "Mas Tu és o nosso Pai! Pois Abraão não nos conhece e Israel também nos ignora. Só tu, Senhor, és o nosso Pai, e o Teu nome, desde sempre, é Redentor nosso" (Is 63:16). A paternidade de Deus certamente não revela uma masculinidade qualquer, uma vez que não existe diferenciação sexual no seio da Divindade. Todavia, faz-se necessário lembrar que o nome “Pai” não Lhe era ingenuamente aplicado pelos humanos; é o nome particular pelo qual Deus revelou-Se ao povo de Israel. As imagens de masculinidade não foram forçadas, antes foi Ele próprio que as adotou por ocasião das Suas revelações aos homens. As três Pessoas da Trindade Santa trazem o nome de Pai, Filho e Espírito Santo, sendo que o Nome “Filho” pertence ao *Logos* eterno de Deus, que Se encarnou e Se fez homem. Nas línguas semíticas onde o nome Espírito (*ruah*, *syr*, *ruha*, em hebraico) é feminino, as imagens da feminilidade são postas como uma referência ao Espírito Santo. Os termos da Sabedoria de Deus (*hokh'ma*, em hebraico, *sophia*, em grego), tanto numa língua como na outra, são femininas, abrindo assim a possibilidade de aplicar imagens de feminilidade ao Filho de Deus, tradicionalmente identificadas com a Sabedoria. Fora dessa exceção, as imagens exclusivamente masculinas são utilizadas na tradição oriental para designar o Pai e o Filho.

Os ortodoxos são naturalmente hostis às tentativas contemporâneas de modificar as imagens bíblicas tradicionais para tornar a língua de Deus mais inclusiva, como, por exemplo, fazer referência a Deus enquanto “mãe” e ao Seu Filho enquanto “filha”, ou utilizando os termos genéricos de “pai” ou “filho”. Para os ortodoxos, o conceito pleno de maternidade é encarnado na pessoa da Mãe de Deus, a Deípara, cuja veneração não se reduz a um simples costume ou a um fenómeno cultural, sendo antes um dogma eclesiástico e um domínio essencial da espiritualidade. O que existe não é uma simples

divergência cultural entre os ortodoxos e os católicos de um lado, e certos protestantes do outro, ou o facto de que uns veneram a Mãe de Deus, enquanto outros oram a “Deus Mãe”. A divergência dogmática é de porte e não pode ser corrigida enquanto a Mãe de Deus não for posta em honra nas Igrejas que, por diversas razões, perderam-na. Os ortodoxos não fazem unicamente prova de teimosia ao recusarem-se a modificar a linguagem bíblica acerca de Deus, mas sobretudo têm uma compreensão clara do facto de que toda a tradição espiritual, teológica e mística da Igreja sofre irreparáveis alterações quando todo o conjunto tradicional das imagens e dos nomes vê-se submetido a transformações.

Verdadeiramente, muitos nomes podem ser aplicados à Divindade, mas nenhum conseguiria realmente descrevê-la. Todos os nomes utilizados para designar Deus nas tradições bíblicas e ortodoxas visam compreender o mistério acima dos nomes. Todavia, é muitíssimo importante permanecer fiel à linguagem bíblica divina e não substituí-la por formas inovadoras. Todos os nomes de Deus são antropomórficos. Existe, contudo, uma lacuna entre o antropomorfismo bíblico, fundado sobre a experiência do Deus pessoal tal como revelado aos homens, e o pseudo-antropomorfismo de alguns teólogos modernos que, ao introduzirem a noção do género no seio da Divindade, falam de Deus em termos de “Ele-Ela”, ou “Nossa Mãe e Pai”.

Catafatismo e apofatismo

Ao fazer o inventário dos nomes divinos, chegamos à conclusão de que nenhum pode-nos dar uma noção integral de Deus, que está acima de todo o nome. Se O nomeamos Ser, Ele está acima do ser; se O nomeamos verdade ou justiça, Ele, no Seu amor, está acima de toda a justiça; se O nomeamos amor, Ele é mais do que o amor, estando acima dele. Da mesma forma, Deus está acima de toda a propriedade que Lhe possamos atribuir, quer seja a onisciência, a omnipresença ou a imutabilidade. Por fim, chegamos à conclusão de que, acerca de Deus, não podemos dizer nada de seguro: todas as palavras que utilizamos para defini-Lo são incompletas, parciais e limitadas. Donde concluimos que não podemos dizer o que Deus é, mas somente o que Ele não é. Tal modo de raciocínio acerca de Deus tem recebido a denominação de teologia apofática (negativa) em oposição à teologia catafática (positiva).

O apofatismo consiste em descrever Deus em termos daquilo que Ele não é. Os Santos Padres Dionísio, o Areopagita, e Gregório de Nissa compararam a elevação apofática do espírito a Deus à ascensão de Moisés na montanha do Sinai, que se envolveu de escuridão (2S 22:12). A escuridão divina significa a ausência de todo o elemento material ou sensível. Entrar nesta

escuridão significa sair dos limites do ser inteligível. Durante o encontro de Moisés com Deus, o povo israelita deveria permanecer no sopé da montanha, ou seja, nos limites do conhecimento catafático acerca de Deus, e somente Moisés poderia penetrar na escuridão, quer dizer, depois de ter renunciado a tudo, encontrar-se com Deus que está fora de tudo, que se encontra onde não há nada. A respeito de Deus, dizemos catafaticamente que Ele é Luz, mas por tais palavras comparamos Deus à luz sensível. E se dizemos do Cristo transfigurado sobre o Tabor que “se transfigurou diante deles; e o Seu rosto resplandeceu como o sol, e as Suas vestes tornaram-se brancas como a luz” (Mt 17:2), a noção catafática de luz é aqui utilizada simbolicamente, por se tratar da irradiação incriada da Divindade, que ultrapassa toda a representação humana da luz. Podemos apofaticamente nomear a luz Divina, que ultrapassa toda a representação da luz, como uma sub-luz ou a escuridão. Assim, a escuridão do Sinai e a luz do Tabor querem dizer a mesma coisa.

Na nossa compreensão de Deus, fazemos antes um apelo a conceitos catafáticos que são primeiramente mais fáceis e mais acessíveis ao espírito. No entanto, o conhecimento catafático tem os seus limites, os quais não podemos ultrapassar. A via da negação corresponde a uma condução do espírito ao abismo divino onde as palavras cessam, onde a razão se congela, onde todo o conhecimento e inteligibilidade humana são abolidos, “onde existe Deus”. Não é pelas vias do conhecimento especulativo, mas nas profundezas da oração em silêncio, que a alma pode ir ao encontro de Deus, onde Este Se revela como inconveniente, inacessível, invisível e, ao mesmo tempo, como vivo, próximo, íntimo – como o Deus Pessoa.

O mistério da Trindade

Os cristãos creem num Deus Triúno: Pai, Filho e Espírito Santo. Não se trata de três deuses, mas de um Deus em três hipóstases, ou seja, em três entidades pessoais independentes. É o único caso onde um é igual a três e três é igual a um. Aquilo que, em matemática ou lógica, possa parecer absurdo, ergue-se aqui enquanto pedra angular da fé. O cristão comunga do mistério da Trindade, não por meio de raciocínios lógicos, mas pelo arrependimento, quer dizer, pela mudança e renovação completas do espírito, do coração, dos sentimentos, de toda a sua natureza (a palavra grega para arrependimento - metanoia - significa literalmente um reviramento do espírito). É impossível comungar da Trindade enquanto o espírito não tenha sido iluminado e transfigurado.

O ensinamento sobre a Trindade não é uma invenção de teólogos, mas antes uma verdade divinamente revelada. Por ocasião do Batismo de Jesus Cristo, Deus manifestou-Se ao mundo, pela primeira vez e com toda a clareza, como uma Unidade em três Pessoas (Lc 3: 21-22). A voz do Pai fez-Se ouvir do céu; o Filho encontrava-Se nas águas do Jordão; o Espírito desceu sobre o Filho. Em muitas ocasiões, Jesus Cristo revelou a Sua unidade com o Pai, o Seu envio pelo Pai ao mundo, a Sua designação como Filho d’Este (Jo 6:8). Ele prometeu igualmente aos discípulos enviar o Espírito Consolador, que procede do Pai (Jo 14:16-17, 15:26). Ao enviar os discípulos à pregação, disse-lhes: “Ide, pois, fazei discípulos de todos os povos, batizando-os em Nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo” (Mt 28:19). Nos escritos dos Apóstolos, também se faz menção ao Deus-Trindade (1Jo 5:7).

Foi somente após a vinda de Cristo que Deus Se revelou aos homens como uma Trindade. Os anciãos judeus guardavam uma fé estrita no Deus único e não estavam aptos para compreender a ideia da Divindade triúna, pois esta poderia ser percebida como sinónimo de três deuses. Na época em que o politeísmo reinava de forma suprema sobre o mundo, o mistério da Trindade estava escondido à vista dos homens, como que enterrado no fundo mais secreto da verdade sobre a unidade da Divindade.

Termos e fórmulas

O mais simples seria explicar o mistério da Trindade como o fez Santo Espiridião, presente no Concílio de Niceia. Segundo a tradição, perguntaram-lhe como seria possível que três aparecessem simultaneamente como Um. Ao invés de responder, ele agarrou um tijolo e o pôs nas suas mãos. Da argila despedaçada pelas mãos do Santo, uma chama escapou para o alto enquanto um pouco de água escorregou para baixo. “Do mesmo modo com que, neste tijolo, há fogo, água e terra”, disse ele, “assim também no Deus único existem três Pessoas”.

O Deus Trindade não é um Ser congelado; Nele não há repouso, imobilidade, estatismo. “Eu Sou Aquele que Sou”, disse Deus a Moisés (Êx 3:14). “Aquele que É” significa o existente, o vivente. Em Deus está a plenitude da vida e esta é movimento, fenómeno, revelação. Como vimos, alguns dos nomes divinos apresentam um carácter dinâmico: Deus é comparado ao fogo (Êx 24:17), à água (Jr 2:13), ao vento (Gn 1:2). No Cântico dos Cânticos, uma mulher procura o seu amado, que dela foge. Segundo a tradição cristã, esta imagem foi interpretada, tanto por Orígenes como por São Gregório de Nissa, como uma alma lançada em busca de Deus que, sem cessar, dela escapa. A alma busca Deus, mas tão-logo O encontra, perde-O, não consegue contê-Lo. Ela esforça-se em compreendê-Lo, mas ele permanece inconcebível. Deus move-Se com extrema “rapidez”, sempre para

além das nossas forças, impotentes em segui-Lo. Encontrar e alcançar Deus significa ter acesso ao estado divino. Assim como, segundo as leis da física, se um corpo material se deslocar à velocidade da luz, transforma-se ele mesmo em luz, o mesmo acontece com a alma: quanto mais ela se aproxima de Deus, mais fica preenchida com a Sua luz e torna-se portadora de luz.

A unidade do amor

Um dos mais nobres nomes dados a Deus é da autoria do Apóstolo João, o Teólogo: “Deus é amor” (1Jo 4:8, 4:16). No entanto, não existe amor sem o ser amado. O amor pressupõe a existência do outro. Uma pessoa só e isolada somente pode amar a si própria: mas o amor de si e por si não é amor. A unicidade de um ser egocêntrico não manifesta ainda a pessoa. Assim como o ser humano não se pode reconhecer como pessoa fora de uma relação com outras pessoas, assim também não pode existir em Deus um ser pessoal fora de uma relação de amor com outro ser pessoal. O Deus Triúno é a plenitude do amor, sendo que cada Pessoa-Hipóstase está direcionada pelo amor às duas outras Pessoas-Hipóstases. No seio da Trindade, as Pessoas reconhecem-Se como “Eu e Tu”: “Tu, Pai, estás em Mim e Eu em Ti”, disse Cristo ao Pai (Jo 17:21). “Tudo o que o Pai tem é Meu; por isso é que eu disse: Receberá do que é Meu e vo-lo dará a conhecer” (Jo 16:15). “No princípio havia o Verbo; o Verbo estava em Deus, e o Verbo era Deus” (Jo 1:1). No texto grego, faz-se uso da expressão “em direção a Deus” (*pros ton theon*), o que sublinha o caráter pessoal das relações recíprocas entre Deus *Logos* e Deus Pai: o Filho não somente é gerado pelo Pai, não somente existe com o Pai, mas dirige-se ao Pai. Cada hipóstase na Trindade dirige-se às outras hipóstases. São Máximo, o Confessor, mencionou este “movimento eterno (da Trindade) no amor”.

No ícone da Trindade Santa, de Santo André Roublev, que leva o nome de “A hospitalidade de Abraão”, vemos três anjos sentados a uma mesa sobre a qual se encontra um cálice, símbolo do sacrifício expiatório de Cristo, sendo que as três personagens que ali se encontram estão voltadas umas para as outras e para o cálice, numa representação do amor divino que reina no seio da Trindade e cuja mais alta manifestação é traduzida no ato expiatório do Filho. Como disse São Filareto (Drozdov), trata-se “do amor do Pai crucificante, do amor do Filho crucificado e do amor do Espírito Santo que triunfa pelo poder da cruz”. A imolação do Deus Filho na cruz é igualmente um ato do Pai e do Espírito Santo.

Deus criador

Se o Demiurgo platônico remete-nos à figura de um artesão que ordena todas as coisas a partir de uma matéria primordial, o Deus bíblico é o Criador que constrói todo o Universo a partir do nada. O Antigo Testamento afirma-o com nitidez: "Suplico-te, meu filho, que contemples o céu e a terra. Reflete bem: o que vês, Deus o criou do nada, assim como a todos os homens" (2Mac 7:28). Todo ser recebe o dom da vida a partir da vontade livre do Criador, tal como lemos no Salmo 33. Deus em nada se contradisse ao criar o mundo, nem mesmo o Seu amor. Deus criou o universo por uma única razão: Ele queria que a vida superabundante, da qual Ele dispunha em Si-Próprio, dispersasse-se para além dos limites da Sua natureza e que os seres vivos se tornassem, assim, participantes da beatitude e da santidade divinas. Do ato criador tomam parte as três pessoas da Trindade Santa. O Antigo Testamento já o anunciava profeticamente: "A palavra do Senhor criou os céus, e o sopro da Sua boca, todos os astros" (Sl 33:6).

Acerca do papel criador desenvolvido pelo Verbo divino, o Apóstolo João assim exprimiu-se no início do seu Evangelho: "Por Ele é que tudo começou a existir; e sem Ele nada veio à existência" (Jo 1:3). Sobre o Espírito, encontramos na Bíblia: "a terra era informe e vazia; as trevas cobriam o abismo e o Espírito de Deus movia-Se sobre a superfície das águas" (Gn 1:2). Segundo Santo Irineu de Lyon, o Verbo e o Espírito, são "as duas mãos" do Pai. Isso significa que os Três colaboraram no ato comum da criação, que a Sua vontade é uma, mas cada um age do Seu modo. Nas palavras de São Basílio, o Grande: "O Pai é o princípio de tudo o que existe; o Filho é o princípio da criação e o Espírito Santo, o princípio da realização, de tal forma que, pela vontade do Pai, tudo existe; pela ação do Filho, tudo vem ao ser e, pela presença do Espírito, tudo é realizado". Noutros termos, no ato criador, ao Pai foi confiado o papel de ser o princípio de tudo; ao Filho-*Logos* (Verbo), coube o papel de demiurgo-criador e ao Espírito Santo, o papel de cumpridor, quer dizer, de conduzir tudo o que foi criado ao seu ponto de perfeição.

Não é por acaso que os Santos Padres, ao falarem do papel criador do Filho, preferiram nomeá-Lo Verbo, pois o Filho manifesta o Pai, revela o Pai e, como toda a palavra, dirige-se a alguém que, no presente caso, é todo o ser criado. "A Deus jamais alguém O viu. O Filho Unigénito, que é Deus e está no seio do Pai, foi Ele quem O deu a conhecer" (Jo 1:18). O Filho revelou o Pai aos seres criados; graças ao Filho, o Pai dispensa o Seu amor sobre toda a criatura e ela assim recebe a vida.

Porque razão Deus criou tudo? A tal questão a teologia patrística responde: "por superabundância de amor e de bondade". "O Deus bom e mais que bom não Se contentou com a Sua própria contemplação mas, na

superabundância da Sua bondade, Ele quis que outros participassem da Sua ação benfeitora e da Sua bondade; Ele tudo conduziu do não-ser ao ser e criou todas as coisas”, escreveu São João Damasceno. Noutros termos, Deus quis que algo de outro participasse na Sua beatitude e comungasse do Seu amor.

Os anjos

“No princípio, Deus criou o céu e a terra” (Gn 1:1). Este versículo indica-nos que a criação de Deus se divide em mundo invisível, espiritual, inteligível e mundo visível, material. Na linguagem bíblica, porém, não existem conceitos abstratos e a realidade espiritual é geralmente expressa pela palavra “céu”: “Rezai, pois, assim: Pai nosso, que estás no céu, santificado seja o teu nome, venha o Teu Reino; faça-se a Tua vontade, assim na terra como no céu” (Mt 6: 9-10). Aqui não se faz uma alusão ao céu material, visível. O Reino de Deus é espiritual e não material, e Deus, sendo da natureza do Espírito, nele habita. Ao dizer: “Deus criou o céu”, faz-se necessário compreender o mundo espiritual, com todos aqueles que nele habitam, quer dizer, os anjos.

Deus criou o mundo angélico antes do universo visível. Os anjos são espíritos auxiliares, incorpóreos, dotados de inteligência e vontade livre. João Damasceno denominava os anjos de luzes secundárias, as quais recebem a sua iluminação da luz primária e sem princípio. Ao viver imediatamente próximos de Deus, alimentam-se da Sua luz e no-la transmitem.

A atividade principal dos anjos é a de elevar um louvor perpétuo a Deus. O profeta Isaías descreveu a visão do Senhor, em torno do qual se põem os Serafins a clamar: “Santo, Santo, Santo, o Senhor *Sabaoth!* O céu e a terra estão cheios da Sua glória!” (Is 6:1-3). Mas os anjos são também os mensageiros de Deus junto aos homens (*aggelos*, em grego, significa “mensageiro”), ocupando uma parte viva e ativa na vida das pessoas. Assim, por exemplo, o arcanjo anunciou a Maria que Ela conceberia Jesus: “Hoje, na cidade de David, nasceu-vos um Salvador, que é o Messias Senhor” (Lc 2:11); os anjos serviram Jesus no deserto: “Então, o diabo deixou-o e chegaram os anjos e serviram-no” (Mt 4:11); um anjo fortaleceu Jesus no Jardim do Getsêmani: “Então, vindo do Céu, apareceu-lhe um anjo que o confortava” (Lc 22:43); um anjo anunciou às mulheres miróforas a ressurreição de Jesus: “Nisto, houve um grande terramoto: o anjo do Senhor, descendo do Céu, aproximou-se e removeu a pedra, sentando-se sobre ela. O seu aspecto era como o de um relâmpago; e a sua túnica, branca como a neve” (Mt 28:2-7).

Cada ser humano tem o seu anjo guardião que o acompanha, o socorre e o protege.

Os anjos não são todos iguais no que diz respeito à sua dignidade ou proximidade de Deus; existe entre eles diversas hierarquias, que estão submissas umas às outras. No tratado *“Sobre a Hierarquia Celeste”*, atribuído a São Dionísio, o Areopagita, o autor elencou três hierarquias angélicas, cada uma dividida em três ordens: a primeira, a mais alta, corresponde aos Serafins, Querubins e Tronos, a segunda às Senhorias, Poderes e Potestades, e a terceira aos Principados, Arcanjos e Anjos.

Na hierarquia celeste, as ordens superiores recebem a sua iluminação da luz Divina e a sua capacidade de comungar os mistérios Divinos diretamente do próprio Criador; as inferiores, por sua vez, recebem-nas por intermédio das superiores. Segundo Dionísio, a hierarquia angélica é transmitida à hierarquia da Igreja terrestre (bispos, sacerdotes e diáconos), que comunga do mistério divino por intermédio da hierarquia celeste. Em relação ao número de anjos, evocamos em termos gerais: “mil milhares” e “dez mil milhões” (Dn 7:1). Seja como for, eles são mais numerosos do que os homens. São Gregório de Nissa viu na ovelha perdida toda a humanidade e nas 99 que não se perderam, o mundo angélico.

A origem do mal

Na aurora da vida, antes mesmo da criação, por Deus, do mundo visível, mas após a criação dos anjos na esfera espiritual, produziu-se uma catástrofe de dimensão cósmica, da qual conhecemos somente as consequências. Uma parte dos anjos revoltados contra Deus despreendeu-se d’Ele e tornou-se hostil a tudo o que é bom e santo. No comando da milícia decaída estava Lúcifer, cujo nome (portador de luz) mostra que ele originalmente era bom, mas que, depois, ao fazer uso da sua liberdade e por decisão própria, desviou-se para ir contra a lei e retirou-se d’Aquele que o havia criado: Deus. Por desejar resistir a Deus, ele foi o primeiro a rejeitar o bem e escolher o mal. Lúcifer, a quem chamamos também de diabo ou Satã, pertencia a uma das ordens superiores da hierarquia angélica. Ele levou consigo outros anjos na sua queda, o que testemunha figurativamente o Apocalipse: “Quando ele abriu o sétimo selo, fez-se no céu um silêncio de cerca de meia hora. Depois vi os sete anjos que estão de pé diante de Deus. Foram-lhe entregues sete trombetas. Veio, então, outro anjo com um turíbulo de ouro e deteve-se junto do altar. Deram-lhe muitos perfumes para oferecer com as orações dos santos, sobre o altar de ouro que está diante do trono. E, da mão do anjo, o fumo dos perfumes subiu diante de Deus, juntamente com as orações dos santos. Depois, o anjo tomou o turíbulo, encheu-o de brasas do altar e lançou-

o à terra. Houve, então, trovões, estrondos, relâmpagos, e um terramoto. Seguidamente, os sete anjos, que tinham as sete trombetas, prepararam-se para as tocar. Quando o primeiro anjo tocou a trombeta, houve granizo e fogo misturado com sangue que foram lançados sobre a terra: a terça parte da terra, a terça parte das árvores e toda a erva verde foram queimadas. Quando o segundo anjo tocou a trombeta, uma espécie de grande montanha de fogo foi lançada ao mar: a terça parte do mar transformou-se em sangue; morreu a terça parte dos seres vivos do mar e a terça parte dos barcos foi destruída. Quando o terceiro anjo tocou a trombeta, caiu do céu uma grande estrela, que ardia como uma tocha chamejante. Caiu sobre a terça parte dos rios e sobre as nascentes das águas. O nome da estrela é Absinto: uma terça parte das águas transformou-se em absinto e muitos homens morreram por causa das águas, que se tinham tornado amargas. Quando o quarto anjo tocou a trombeta, foi atingida a terça parte do Sol, a terça parte da Lua e das estrelas, de modo que se obscureceu a terça parte deles e o dia perdeu um terço do seu esplendor, assim como a noite” (Ap 8:1-12). Alguns comentadores vêem nestas palavras a indicação de que a estrela da manhã, na sua queda, levou consigo um terço dos anjos.

Ora, o diabo e os demónios foram imersos nas trevas em função das suas livres e próprias vontades. Toda criatura viva e racional, anjo ou homem, recebeu de Deus uma vontade livre, quer dizer, o direito de escolher entre o bem e o mal. A livre vontade foi dada ao ser vivo para que, ao aprender o bem, dele possa comungar ontologicamente, a fim de que este não permaneça um dom concedido do exterior, mas torne-se o seu próprio atributo. Se o bem tivesse sido imposto por Deus como uma necessidade ou uma fatalidade, nenhum ser vivo teria a possibilidade de se tornar uma pessoa inteiramente livre. “Ninguém se tornou bom por coação”, disse São Simeão, o Novo Teólogo. Ao crescer continuamente no bem, os anjos devem alcançar a plenitude da perfeição, até poderem assemelhar-se inteiramente a Deus. No entanto, uma parte deles não optou em favor de Deus, predeterminando assim o seu próprio destino e o do universo que, a partir daquele momento, transformou-se numa arena onde se defrontam dois princípios opostos, ainda que desiguais: o bem ou o Divino e o mal ou o demoníaco.

Acerca do afastamento de Deus, deliberadamente provocado pelo diabo, este constitui uma resposta à eterna questão de toda a filosofia no que diz respeito à origem do mal. Aliás, no que se refere ao problema da origem do mal, o pensamento teológico cristão não difere de diversas teorias doutrinárias filosóficas, segundo as quais dois princípios de força igual – um bom, o outro mal – agem no mundo desde a sua origem, reinando sobre ele e despedaçando-no em fragmentos.

Todavia, o pensamento cristão não se exprime nestes termos acerca da natureza e da origem do mal. O mal não é uma realidade original, co-eterna e igual a Deus, mas sim um afastamento do bem, uma oposição a este. Neste sentido, não é possível falar dele em termos de “ser”, pois ele não existe por si só. Assim como a obscuridade ou a sombra não são realidades independentes, tratando-se apenas da ausência de luz, da mesma forma o mal não passa da ausência do bem.

Deus não criou nada de mal: os anjos, os homens e o mundo material, tudo isto é bom e belo por natureza. No entanto, os seres dotados de razão (homens e anjos) receberam, como algo próprio, uma vontade livre e têm a possibilidade de dirigir tal liberdade contra Deus e assim engendrar o mal. É o que se produz. A estrela da manhã portadora de luz, criada boa na sua origem, fez mal uso da sua liberdade, desfigurou a sua própria boa natureza e desviou-se da fonte do bem.

O Autor do mal

Em comparação com o ser Divino, a atividade do mal é ilusória e imaginária: o diabo é totalmente impotente onde Deus não autoriza as suas intervenções ou, noutros termos, ele conduz as suas intrigas somente no interior das fronteiras permitidas por Deus. No entanto, por ser caluniador e mentiroso, o diabo utiliza-se da mentira como a sua arma principal; ele engana a sua vítima fazendo-a crer que detém uma força e uma autoridade poderosas, enquanto na realidade falta-lhe esta força. Seguindo o pensamento de Louis Bouyer, Vladimir Lossky mencionou que, na oração do “Pai Nosso”, não pedimos a Deus para que nos livre do mal, não importa qual seja o mal, mas sim que nos livre do maligno, de uma individualidade concreta, que encarna o mal em si. Este maligno, que não era mal originalmente, é portador deste não-ser, desta inexistência, que conduz à morte, tanto a si próprio como àquele a quem ele faz vítima.

Deus não tem absolutamente qualquer contacto com o mal, mas este se encontra sob o Seu controlo, precisamente na medida em que Deus delimita o campo onde o mal pode exercer a sua atividade. Noutras palavras, seguindo as vias insondáveis da Sua Providência, Deus pode fazer uso do mal como uma arma, com um objetivo pedagógico ou qualquer outro. Vemos passagens da Bíblia nas quais Deus enviou o mal sobre os homens. Por exemplo: Deus endureceu o coração do Faraó (Êx 4:21; 7:3; 14:4); enviou um espírito mal sobre Saul (1Sm 16:14; 19:9); deu ao povo preceitos que não são bons (Ez 2:25, segundo o texto hebreu e a versão dos LXX); entregou os

homens à impureza, a paixões infames, aos seus sentidos reprovados (Rm 1:24-28). Em todos estes exemplos, não é uma questão de ver em Deus a fonte do mal, mas de dizer que, tendo autoridade, tanto sobre o bem como sobre o mal, Ele pode valer-se do mal para obter um bem ou para livrar os homens de um mal ainda maior.

Resta a incontornável questão: porque Deus tolera a existência do mal e do diabo? Porque Ele permite o mal? Santo Agostinho confessava ser incapaz de responder a tais questões. Ele escreveu: “Sou impotente para penetrar nas profundezas desta atividade divina, reconheço que ultrapassa as minhas forças”. São Gregório de Nissa, porém, ofereceu-nos uma resposta mais otimista: Deus permite que o diabo aja somente durante um certo tempo, mas virá no momento em que o mal for definitivamente apagado, depois de longos ciclos de tempo. Então não permanecerá nada além do bem e o senhorio de Cristo será unanimemente confessado, mesmo pelos demónios. A crença na restauração final dos demónios e do diabo ao seu estado inicial foi sustentada igualmente por Santo Isaac, o Sírio, bem como por outros escritores da Igreja primitiva. No entanto, tal opinião jamais foi admitida no ensinamento da Igreja.

A Igreja sabe que o mal não é nem coeterno com Deus nem igual a Ele. Que, pelo facto de o diabo se ter revoltado contra Deus e tornado, a si próprio, o rei e mestre do inferno não significa que o seu reino dure para sempre. Pelo contrário, como veremos mais tarde, a escatologia cristã é profundamente otimista e proclama com força a sua fé na vitória final do bem sobre o mal, de Deus sobre o diabo, de Cristo sobre o Anticristo. Mas quais serão as consequências desta vitória e qual será o final da existência do mal, isso está fora do nosso alcance saber. Quando sonha com tal questão, uma vez mais o espírito humano silencia face ao mistério e permanece impotente, mergulhado nas profundezas dos destinos divinos. Assim como disse Deus no livro de Isaías: “Os Meus planos não são os vossos planos, os vossos caminhos não são os Meus caminhos” (Is 55: 8-9).

O Universo

Segundo a Bíblia, o mundo visível foi criado por Deus em seis dias (Gn.1). Mas o que significa o termo “dias”? É difícil pensar que se tratam de seis dias ordinários, porque o dia depende do sol e este foi criado somente no quarto dia. Na linguagem bíblica, a palavra “dia” designa um intervalo de tempo que pode representar um longo período.

As primeiras palavras da Bíblia são: “no princípio”. Ora, Deus criou o tempo, mas o “princípio”, como disse-nos São Basílio, não era ainda o tempo em si mesmo, pois o tempo ainda não o era e o universo ainda estava por nascer; ambos foram criados simultaneamente. O princípio foi este primeiro e curto instante que uniria a vida criada à eternidade, uma vez que, a partir do momento em que o tempo começou a decorrer, o universo passou a submeter-se às suas leis, segundo as quais o passado não o é mais, nem ainda o porvir e o presente está sempre a fugir; pois assim que começa logo termina. Isso até ao dia em que a história atingirá o seu desfecho, reintegrando-se à eternidade. Pois a eternidade não está presente no tempo e, fora dele, somente pode existir para além do ser ou do não-ser. O universo, elaborado do não-ser ao ser, pela palavra criadora de Deus, não desaparecerá no fim dos tempos, nem dissipar-se-á no nada. Unir-se-á, sim, para além do ser e entrará na eternidade. É por isso que a Bíblia fala do “princípio” que era antes do tempo. No seguimento da dissolução do tempo, o universo permanecerá. O tempo, este ícone da eternidade (“o protótipo do tempo foi a natureza eterna”, segundo Platão), transfigurar-se-á em eternidade e o universo em Reino do século que há-de- vir.

“No princípio, quando Deus criou o céu e a terra, a terra era informe e vazia, as trevas cobriam o abismo e o Espírito de Deus movia-Se sobre a superfície das águas”(Gn 1:1-2). Segundo o Metropolita Filareto, a terra do primeiro dia era uma “lacuna assombrosa”, uma matéria original caótica, que trazia em si o penhor da beleza e da harmonia do mundo que haveria de vir. As trevas e o abismo sublinham a ausência de organização da matéria. O Espírito Santo movia-Se sobre a superfície das águas. Noutra passagem da Bíblia, este verbo designa o voo de um pássaro sobre o ninho onde se encontram as suas crias (Dt 32:11). Assim, o Espírito Santo protegia e animava a matéria, “movendo-se” acima dela e dando-lhe o “sopro da vida”.

Os seis dias da criação

Disse Deus: “Faça-se a luz. E a luz foi feita. Deus viu que a luz era boa e separou a luz das trevas” (Gn 1:3-4). Ora, a luz do primeiro dia não é nem aquela do sol nem a da lua, as quais apareceram somente no quarto dia, mas sim a Luz divina que se reflete sobre o ser criado. “Ele disse”, “Ele viu”, são antropomorfismos que têm, todavia, um sentido profundo. A expressão “Ele disse” designa a ação da Palavra Divina, uma das hipóstases da Santíssima Trindade, e “Ele viu” indica a tomada de consciência e a finalidade do processo criador, a satisfação do artista em saber que o cosmos por Ele criado é realmente belo.

No segundo dia, Deus criou o firmamento, ou seja, aquilo que é dotado de solidez, estabilidade, firmeza. No terceiro dia, criou a terra seca e as águas e fixou limites entre elas. No quarto dia, criou o sol, a lua e os demais luzeiros. A partir desse momento, o mecanismo da jornada pôs-se em andamento, bem como a sucessão regular dos dias e das noites. No quinto dia, sob a ordem divina, o elemento aquático deu nascimento aos peixes e aos répteis, e o elemento aéreo aos pássaros. Por fim, no sexto dia, foram criados os animais e o homem.

Não há qualquer necessidade de comparar a história da criação na Bíblia com as diversas teorias científicas contemporâneas sobre a origem do universo. O diálogo, que durou por certo tempo, entre a ciência e a teologia, ainda não chegou a conclusões definitivas sobre a relação entre a revelação bíblica e os desenvolvimentos científicos. Todavia, ao tomarmos literalmente o relato bíblico, resta-nos perfeitamente claro que este não procurou oferecer uma explicação científica sobre a origem do universo; isso seria uma prova de ingenuidade. As Santas Escrituras consideram o conjunto da história sob a perspectiva de uma correlação entre o humano e o divino. Em termos gerais, os autores dos relatos bíblicos fizeram uso de uma linguagem metafórica e simbólica, fundamentada nos conhecimentos científicos do seu tempo. Isso não diminui em nada o valor da Bíblia como livro através do qual Deus fala à humanidade e Se revela em todo o Seu poder criador.

Sim, o quadro da criação do mundo apresenta-nos Deus em todo o Seu poder criador. O universo por Ele criado tem a aparência de um livro que desvenda, diante daquele que o lê, a Sua majestade. Ao contemplar o mundo material, os descrentes não percebem a imagem de uma beleza superior e imaterial: segundo eles, não existe no mundo nada de milagroso; tudo é natural, ordinário. Mas o livro do milagre de Deus deve ser lido com os olhos da fé. Conta a história que um célebre filósofo foi ter com *Abba* António, eremita egípcio do século IV, e perguntou-lhe: *Abba*, como podes viver aqui, privado da consolação que a leitura dos livros nos oferece? Apontando para o céu, o deserto e as montanhas, António respondeu-lhe: “Meu livro, ó filósofo, é a natureza e tudo o que foi criado, e quando o tédio toma conta de mim, leio as obras de Deus”.

Fonte: <https://auroraortodoxia.blogspot.com/>

Redação final: Gabriela Mota, para www.ortodoxia.pt